

O HOMEM PARADOXAL: SOBRE A ANTROPOLOGIA DE BLAISE PASCAL

Jandir Silva dos Santos*

Resumo: Este artigo apresenta uma reflexão sobre alguns aspectos da antropologia filosófica de Blaise Pascal, pensador francês do século XVII. Suas ideias, condensadas em sua célebre obra, *Pensamentos*, consideram o homem como ser paradoxal, que contém em si, simultaneamente, grandeza e miséria; razão e coração; exigência de infinitude e uma insuperabilidade da finitude. A partir dessa perspectiva apontada pelo autor, propõe-se analisar a situação do homem no universo, apresentando seu horizonte de possibilidades e limites na filosofia pascaliana.

Palavras-chave: Universo. Homem. Insuficiência. Grandeza. Paradoxo.

Introdução

O renascimento humanista, ocorrido a partir do século XV, marca a história do pensamento ocidental por estabelecer novos elementos à pesquisa pelo saber. Ele constitui um período de aprofundamento das questões sobre o homem, sobre Deus e sobre a natureza no emergir de um novo método para o conhecimento baseado na verificação empírica dos dados: a ciência.

Desse contexto, surgem filósofos céticos assim como Michel de Montaigne¹ e também pensadores, como René Descartes que, aderindo às novidades da ciência, propõe que o homem encontra sua dignidade na razão já que, pelo bom uso da mesma, poder-se-ia alcançar ideias claras e evidentes e com estas empreender um verdadeiro conhecimento do universo.

Blaise Pascal (1623-1662), pensador francês, também desse período histórico, destacou-se consideravelmente por sua original contribuição às questões

* Discente do curso de Filosofia do Instituto de Filosofia Nossa Senhora das Vitórias (INSV). E-mail: jandirabm@hotmail.com.

¹ Este filósofo, segundo A. Kenny, “[...] não dava grande valor às realizações humanistas e científicas do seu tempo, e questionava grande parte das crenças mais acarinhadas pelos seus contemporâneos. Contrastava os europeus civilizados, para desvantagem destes, com a simplicidade e a nobreza dos habitantes do Novo Mundo” (1999, p. 259).

antropológicas e epistemológicas de seu tempo. Desde a infância, era um brilhante matemático. Estudou também física e geometria inventando, inclusive, uma máquina de calcular. Em 1646 converteu-se ao Jansenismo, um grupo católico que defendia os princípios da teologia agostiniana em contraposição à vertente adotada pelos jesuítas na época. Uma de suas principais obras foi intitulada *Pensamentos*. Nessa obra, Pascal fomenta profundas reflexões sobre o homem ao atribuir-lhe a noção de ser **paradoxal** que em si contém grandeza e miséria; razão e coração; finitude e desejo de infinitude.

Esse componente do pensamento pascaliano procura retomar a discussão sobre a existência humana considerada por ele fundamento essencial de todo conhecimento, a pergunta mais importante e necessária². A proposta de paradoxalidade do homem em Pascal apresenta-se desde uma consideração sobre o ser do homem, num caminho em que o autor conduz-nos a uma reflexão também teológica baseada no pensamento de Santo Agostinho, como pode ser percebida na situação e possibilidades do homem no universo em que se encontra lançado.

A dimensão ontológica da antropologia de Pascal

Na origem do pensamento antropológico de Pascal, encontra-se, notoriamente, valores cristãos. O filósofo parte dos conceitos Agostinianos de queda, concupiscência e graça para fundamentar as suas idéias sobre a condição humana. Segundo Pascal “[...] é manifesto que estivemos num grau de perfeição de que infelizmente caímos!” (1995, p. 185), ele reconhece na natureza humana dois estados: um estado primeiro de graça e plenitude em que o homem se encontra em contato com seu Criador; e um estado de miséria, em que o homem se encontra devido ao pecado adâmico, tornando-se sujeito à concupiscência.

Conforme Nascimento (2006), o homem, em seu primeiro estado, encontrava-se em harmonia consigo mesmo, pois vivia no seu plano essencial, na participação com a essência divina, em que ele se realizava também substancialmente. A queda

² Para I. Parraz, por exemplo, “[...] sempre é a partir do homem que o filósofo [Pascal] refere-se ao infinito. Sempre é o homem que ocupa o lugar central em suas especulações acerca do infinito” (2008, p. 184). E o próprio Pascal propõe que mesmo quando o conhecimento é dirigido às coisas naturais, os dados obtidos tem relação com o conhecimento antropológico, pois “[...] o homem [...] tem relação com tudo o que conhece” (PASCAL, 1995, p. 146).

representa a ruptura não só do homem com Deus, mas do homem consigo mesmo, já que para Pascal, a realização humana se dá plenamente no contato com a essência divina. Daí, conclui Nascimento, “[...] o homem decaído vive uma situação de miséria existencial, o seu ser habita o vazio deixado pelo abandono de Deus” (NASCIMENTO, 2006, p. 53).

Esse abandono faz o homem mergulhar em sua insuficiência. Nesta, ele experimenta uma incompletude, um vazio, um nada em seu ser que é justamente a ausência do seu Criador. No entanto, pela graça, isto é, pela revelação e misericórdia divina manifestadas ao homem, torna-se possível a reconciliação do mesmo com o divino e, conseqüentemente, consigo mesmo. Esse contato é possível quando o homem, recolhendo-se em seu interior, percebe a sua insuficiência e contempla a grandeza do ser divino.

O ser do homem é marcado por grandeza, reflexo da sua primeira condição, e pela miséria em que se encontra devido ao pecado. Essas duas se encontram inseparáveis na natureza humana, como “caracteres igualmente vivos” (SILVA, 2006, p. 353). Desse modo, o homem em sua condição é um ser paradoxal. Isso marca o caráter angustiante do homem quando consciente de sua condição. Reconhecendo seu primeiro estado de plenitude na história da criação e a sua insuficiência a si próprio, o homem depara-se com o seu ser paradoxal e percebe a tragicidade de sua condição, pois, “se o paradoxo é a figura lógica da impossibilidade, a tragédia, enquanto paradoxo da existência, é a maneira concreta de viver essa impossibilidade” (SILVA, 2002, p. 348).

Contudo, nota Pascal, o encontro com Deus e consigo mesmo, fonte da verdadeira consciência de si, não é desejado pela maioria dos homens. Esses se perdem na vaidade do amor a si próprio, nas diversões ou em sua imaginação distanciando-se do seu próprio ser. “Sendo o homem interior em Pascal o homem do *ennui*³, o homem exterior aparece então aí como o homem que foge de si mesmo, dissolvendo sua interioridade na paixão da criatura” (PONDE, 2001, p. 25). Pascal

³ “No século XVII o termo *ennui*, que pode ser traduzido por similares em português tais como: aborrecimento, angústia, tédio, entre outros, tinha uma forte conotação de angústia essencial, associada à impossibilidade de sair de tal estado, como uma espécie de patologia espiritual” (PARRAZ, 2003, p. 116).

critica, portanto, o homem que foge do pensamento sobre o seu ser, porque isento dessa verdade de si, o homem vive um mundo de hipocrisia, mentira e ilusão inclusive naquilo que conhece.

O homem no universo: possibilidades e limites

Numa visão global do pensamento pascaliano, nota-se que o homem ocupa um lugar central. Desse problema, primeiro emanam todas as considerações restantes a serem feitas. Carregando em seu ser a tragicidade do paradoxo, sua ação e estado na natureza sofrem, por essa sua característica, algumas influências por isso, ao elaborar sua teoria do conhecimento, Pascal atribui grande importância à pergunta “quem é o homem?”:

Que o homem, tendo voltado a si, considere o que é em relação ao que existe; que se considere perdido nesse cantão desviado da natureza; e que, desse pequeno cárcere em que se acha instalado, e entendendo o universo, aprenda a estimar a terra, os remos, as cidades e a si mesmo segundo o seu justo valor (PASCAL, 1995, p. 142).

Referindo-se aos conhecimentos naturais, o autor reconhece que em extensão, o universo muito supera o homem. Esse “[...] não passa de um caniço, o mais fraco da natureza” (PASCAL, 1995, p. 154). Além disso, Pascal têm consciência de que a natureza é muito mais do que apresenta a sua aparência física: “quando se é instruído, compreende-se que a natureza, tendo gravado a sua imagem e a do seu autor em todas as coisas, estas têm quase a sua dupla infinidade” (PASCAL, 1995, p. 143).

Por dupla infinidade, o autor entende os dois extremos da natureza: o infinitamente grande e o infinitamente pequeno. Diante desses infinitos, Pascal procura compreender qual a relação de proporcionalidade existente entre o homem e a natureza. Nessa pesquisa, o filósofo conclui que, na natureza, o homem é

[...] um nada em relação ao infinito, tudo em relação ao nada: um meio entre nada e tudo. Infinitamente afastado de compreender os extremos, o fim das coisas e o seu princípio estão para ele invencivelmente ocultos num segredo impenetrável; igualmente

incapaz de ver o nada de onde foi tirado e o infinito que o absorve (PASCAL, 1995, p. 143).

Essa conclusão apresentada pelo autor parece contraditória, mas, segundo Parraz, torna-se compreensível, já que partindo do universo “[...] como referencial para ver o homem, este se torna um nada e, utilizando-se do homem como referencial para ver o infinito em pequenez, ele se torna um todo” (2008, p. 186).

Em suma, a reflexão pascaliana nos apresenta uma “ausência de proporção, isto é, a não igualdade de relações entre o sujeito e a [...] realidade das coisas [...]” (PARRAZ, 2008, p. 179). Há uma desproporcionalidade do homem com o objeto de seu conhecimento, a natureza, expressa nessa situação mediana em que ele se encontra.

Quando considero a pequena duração de minha vida absorvida na eternidade precedente e seguinte, *memoria hospitis unius diei proetereuntis* [Na memória do hóspede do dia precedente], o pequeno espaço que encho, e mesmo que vejo abismado na infinita imensidade dos espaços que ignoro, e que tu ignoras, espanto-me e assombro-me ao ver aqui antes que lá, pois não havia razão por que aqui antes que lá, por que agora antes que então! Quem me pôs aqui? Por ordem e conduta de quem este lugar e este tempo me foram destinados? (PASCAL, 1995, p. 149).

Toda essa colocação sobre a situação do homem no universo propõe uma pergunta intrigante: a este homem, que é possível conhecer? A tal questionamento, Pascal responde que “[...] conhecemos, pois, o nosso alcance; somos alguma coisa e não somos tudo” (1995, p. 144).

Sendo a Natureza duplamente infinita e o homem um ser do meio, todo o discurso sobre a Natureza e sobre o homem só pode ser um discurso parcial. Parcial porque, como meio entre o nada e o tudo, ao homem é interdito o conhecimento dos primeiros princípios, primeiras causas: “[...] como uma mesma causa pode produzir vários efeitos diferentes, um mesmo efeito pode ser produzido por várias causas diferentes” (PASCAL, Oeuvres Completes). Como meio entre meios, ao homem somente é possível um conhecimento aparente das coisas. Como uma interação generalizada, o conhecimento verdadeiro da Natureza e de si próprio deve ser o do todo e de suas partes (PARRAZ, 2008, p. 185).

Essa parcialidade indica limites, não impossibilidade de verdade à capacidade cognitiva humana. Segundo Atali, Pascal

Acha que o mundo é um caos por decifrar, um código a desvendar. Entendeu [que] existem leis dessa desordem, leis do acaso, e que estas nem sempre são lógicas, mas que é possível abordá-las estudando um grande número de casos. Pois compreendeu que há uma ordem no caos do acaso. [...] Compreendeu que o cálculo das probabilidades é o cálculo das ocorrências de um acontecimento particular sobre um número infinito de casos. Daí conclui que existe um elo entre o acaso e o infinito (ATALI *Apud* SANTOS, 2011, p. 3).

Por isso, Pascal pode assegurar que “toda dignidade do homem está no pensamento” (1995, p. 154) e que por essa capacidade ele se destaca no universo⁴ pois acredita que o conhecimento objetivo e demonstrativo da ciência proporciona alcançar muitas verdades objetivas, o próprio Pascal descobriu muitas dessas em seus estudos de física, matemática e geometria, no entanto, na filosofia pascaliana, presencia-se uma dialética que aponta para “[...] a insuficiência da razão [o Espírito de geometria] no empenho de buscar um horizonte último que dê sentido a todas as coisas” (SPENGLER, 2004, p. 37) abrindo espaço para uma segunda dimensão do espírito, que autor denomina *espírito de finesse*, que orientado pelos sentimentos, pelo coração, busca responder os problemas existenciais humanos.

A dialética pascaliana mostra que alguns princípios, dentre eles Deus, não podem ser tocados pela razão demonstrativa – o espírito de Geometria – mas podem ser sentidos pelo coração. A própria condição do homem só pode ser conhecida pelo espírito de *finesse*: “não se é miserável sem sentimento. Uma casa em ruínas não o é. Só o homem é miserável” (PASCAL, 1995, p. 153).

Desse modo,

⁴ O fragmento seguinte bem expressa a posição de Pascal de caracterizar o pensamento como uma grandeza do homem: “O homem não passa de um caniço, o mais fraco da natureza, mas é um caniço pensante. Não é preciso que o universo inteiro se arme para esmagá-lo: um vapor, uma gota de água bastam para matá-lo. Mas, mesmo que o universo o esmagasse, o homem seria ainda mais nobre do que quem o mata, porque sabe que morre e a vantagem que o universo tem sobre ele; o universo desconhece tudo isso” (PASCAL, 1995, p. 154).

[...] a razão adquire assim uma posição particular: de um lado, se empenha na reflexão para a formulação das definições, distinções e organização dos dados recolhidos a partir da experiência externa e científica; do outro lado, pode também ser constantemente despertada para acolher, a partir desta compreensão da *finesse*, a possibilidade de vislumbrar dimensões novas, de onde a experiência existencial lhe concede sempre de novo a possibilidade de investigar (SPENGLER, 2010, p. 69).

Relembrando o grau de importância que a existência humana possui em Pascal, compreende-se que a pesquisa racional, por si só, torna-se estranha ao homem não lhe alcançando significado. O avanço das verdades científicas não basta, pois “isto não é suficiente para proporcionar ao homem o consolo e a edificação que seu estado o conduz a procurar” (SPENGLER, 2004, p. 35).

Em síntese, afirma Pascal nos *Pensamentos*,

[...] vagamos num meio vasto, sempre incertos e flutuantes, impelidos de uma extremidade a outra. Algum termo em que pensássemos ligar-nos e firmar-nos, abala e nos abandona; e, se o seguimos, ele escapa à nossa captura, escorrega-nos e foge com uma fuga eterna. Nada se detém para nós. É o estado que nos é natural e, todavia, o mais contrário à nossa inclinação: queimamos de desejo de achar assento firme e uma última base constante para nela edificar uma torre que se eleve ao infinito; mas, todo o nosso fundamento estala e a terra se abre até aos abismos. (1995, p. 145)

No fim, o homem se encontra novamente num paradoxo. Temos a razão, mas não podemos tudo conhecer nem encontrar segurança na natureza. Portanto, a verdadeira reflexão conduz-nos a nossa miséria, nossa insuficiência diante de Deus e do infinito. Não podemos dispor de segurança e firmeza, nem em nossa razão – já que ela “[...] está sempre caída pela inconstância das aparências; nada pode fixar o finito entre os infinitos que a encerram e a evitam” (PASCAL, 1995, p. 145) – nem na natureza, haja vista a situação de pequenez da condição humana no seu frágil vagar mediano entre os infinitos, sempre incerto e flutuante. Considerando sua situação na natureza, pode-se inferir o estado de angústia em que se encontra o homem.

Conclusão

Pascal observa a existência humana em sua totalidade e concretude. Seus pensamentos de modo algum se restringem ao caráter teológico e metafísico, mas buscam considerar o homem como ser na natureza. Ele nota que o homem é paradoxal: possui muitas misérias, contudo reconhece também que este mesmo ser é portador de grandeza. Esses paradoxos expressam a condição angustiante do homem que possuindo a razão, reconhece-se limitado, miserável e vulnerável diante do cosmos.

O homem só pode se encontrar verdadeiramente se se perceber numa situação paradoxal. Diante disso, Pascal apresenta duas possibilidades ao homem: orientar a razão a fim de desfazer o amor-próprio, permitindo ao mesmo reconhecer-se insuficiente e, nessa insuficiência que não se apresenta apenas epistemologicamente, mas, ontologicamente, voltar-se para o seu criador⁵.

Por isso, o filósofo empenha-se em mostrar que apostar na existência de Deus é a melhor proposta para o homem em sua busca por si próprio, pois esta meta só se realiza na interação entre o homem com o ser divino, a quem muitas vezes recusa.

Ao fim, resta-nos, portanto, viver cientes de nossos paradoxos e apostar no divino. Como se vê, em nenhum desses pontos o homem é capaz de encontrar segurança e estabilidade: eis aí a condição trágica do homem. O pensamento de Pascal, em tempos nos quais se procura cada vez mais a existência de um super-homem capaz de, em suas próprias estruturas, superar as vicissitudes da natureza – como a morte e a doença – revela-se assim de grande importância. A consciência de nosso lugar no cosmos e de nossa condição trágica pode fazer-nos mais tranquilos e levar-nos a uma maior autenticidade em nossas ações.

⁵ “Na origem da antropologia pascaliana, a insuficiência representa essencialmente a ideia de que o conceito de natureza suficiente é inconsistente para iluminar a realidade humana. É por isso que, quando tomado como natureza, o homem se revela desordenado. Quando condenado a viver como se fora um ser de natureza, após a queda, revela-se insuficiente empiricamente: o homem como um agrupamento de componentes e funções naturais não faz sistema, pois tais componentes e funções não se integram fundando uma ordem -natureza disjuntiva. [...] Resumindo: o homem é um ser que, quando exilado do Sobrenatural, seu caráter místico-teológico insuficiente - ele não é um ser de natureza -, se degenera na multiplicidade da miséria. O que o homem interior viveria como mistério divino no exterior denegara em miséria humana” (PONDÉ, 2001, p. 22).

Referências

DESCARTES, R. **Discurso do método**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KENNY, A. **História concisa da filosofia ocidental**. Lisboa: Temas e Debates, 1999.

NASCIMENTO, Juçara dos Santos. **Paradoxos do homem: um estudo sobre a condição humana em Pascal**. Dissertação (Mestrado). São Carlos: UFSCar, 2006. (111 folhas).

PARRAZ, Ivonil. O duplamente infinito e a situação do homem na natureza em Blaise Pascal. **Cognitio-estudos**, v. 5, n. 2, jul.- dez. 2008, p. 178-189.

_____. O existencialismo em Pascal. **Trans/Form/Ação**, v. 26, 2003, p. 115-128.

PASCAL, Blaise. **Pensamentos**. Bauru: Edipro, 1995.

PONDÉ, Luiz Felipe. **O homem insuficiente: comentários de antropologia pascaliana**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.

SANTOS, R. da S. **A condição humana, segundo Blaise Pascal**. Disponível em: <http://www.franciscanos.org.br/rondinha/trabalhos/pdf/RODRIGO_DA_SILVA_SANTOS_ARTIGO.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2011.

SILVA, Franklin Leopoldo e. Pascal: condição trágica e liberdade. **Caderno de história e filosofia da ciência**, v. 12, n. 1-2, jan.-dez. 2002, p. 339-356.

SPENGLER, Jaime. Espírito de geometria e espírito de finesse. **Revista filosófica São Boaventura**, v. 3, n. 1, jan.- jun. 2010, p. 61-73.

_____. Pascal: fé e ciência. **Scintilla: revista de filosofia e mística medieval**, v. 1, n. 2, 2004, p. 33-48.

